

TEORIA ATOR-REDE E ARTE

Carlos C. Praude¹

Resumo

Neste artigo apresento uma síntese da tese de doutorado intitulada "Arte Computacional e Teoria Ator-Rede: actantes e associações intersubjetivas em cena", defendida no Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília em 2015. O objetivo da pesquisa foi estabelecer associações entre a Teoria Ator-Rede (TAR) e a Arte Computacional. O texto apresenta como a TAR pode contribuir para o processo criativo no campo das artes, sobretudo na inovação de estados estéticos em uma produção artística enquanto que a tese propõe uma Estética das Associações, que lança um olhar diferenciado com foco nas conexões que se estabelecem entre os diversos elementos que compõem o objeto artístico.

Palavras-chave: Teoria Ator-Rede, Processo Criativo, Estética Informacional, Arte e Tecnologia, Arte Computacional.

Introdução

A TAR teve sua origem nos anos 1980 a partir de um campo de pesquisas denominado Estudos da Ciência e Tecnologia que investigava a dinâmica de produção de conhecimento em laboratórios com a utilização de artefatos tecnológicos onde, humanos e não-humanos, denominados actantes, eram analisados com o mesmo grau de importância. Sob a perspectiva da Estética Informacional, de Abraham Moles e Max Bense, a Arte Computacional encontra seus fundamentos na Teoria da Informação e nos signos que lhe são propostos como objetos.

A pesquisa articulou conexões entre os conceitos conhecidos como actante, associação, tradução e inscrição, da TAR, segundo definições apresentadas por Bruno Latour, com os termos repertório de elementos, mensagem, objeto e estados estéticos, da Estética Informacional.

A partir da análise de instalações interativas de minha autoria, sendo a maioria delas aplicadas no campo da encenação teatral, investiguei como as perspectivas da TAR contribuem para a inovação de estados estéticos na produção artística. Nesse sentido, a pesquisa explora como incrementar a

¹ Carlos C. Praude: Doutor em Arte e Tecnologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília (PPG-Arte/UnB, 2015). Mestre em Arte e Tecnologia pelo PPG-Arte/UnB (2010). Contato: ccprauda@gmail.com, celular (61) 98431-9600.

quantidade de inovação estética nas produções artísticas e constrói um modelo conceitual que seja eficaz tanto para a análise de obras existentes quanto para fomentar o processo criativo no plano da Arte Computacional.

Concebida por meio de diversas influências, a TAR apresenta o signo da interdisciplinaridade quando mistura pessoas e objetos. Também conhecida como sociologia das associações, a TAR pode ser utilizada em diversas áreas do conhecimento e focaliza a atenção nas múltiplas associações e nos movimentos que podem ocorrer entre actantes. A TAR permite identificarmos uma multiplicidade de objetos híbridos conectados em uma estrutura de rede que se encontra em deslocamento, em movimento constante e sempre aberta a incorporação de novos elementos de forma extraordinária e imprevisível, capaz de redefinir, reconfigurar e transformar seus componentes. Portanto, a TAR opera sob a lógica das traduções, que realizam transformações, promovem aproximações, transportam mensagens e efetuam passagens nas diversas associações em um espaço deliberado.

Para compreender a dinâmica de funcionamento de determinados sistemas, Bruno Latour desenvolve uma metodologia de análise que toma, como ponto de partida, as diversas associações possíveis em um conjunto de elementos interligados. Associações são veículos portadores de mediações, capazes de produzir mudanças nos actantes que se conectam, que trocam sinais, códigos ou mensagens entre si, que se regulam e que se afetam mutuamente. Apresento, a seguir, uma breve definição dos principais termos e conceitos articulados na pesquisa.

Actante

Na TAR, actante é tudo aquilo que gera uma ação, que produz movimento e diferença, seja ele humano ou não-humano. O actante é o mediador, ou seja, é aquele que transforma, traduz, distorce e modifica o significado que ele supostamente transporta (LATOUR, 2012; LATOUR, 2000).

Para Latour (2001), o maior interesse dos estudos científicos consiste no fato de proporcionarem, por meio do exame da prática laboratorial, inúmeros casos que revelam a emergência de diversos atores. Ao invés de se iniciar com entidades que já fazem parte do campo da pesquisa, os estudos científicos enfatizam a natureza complexa e controvertida daquilo que revela a presença do ator. A ideia é definir o ator com base nas suas ações, ou seja, naquilo que ele faz. Como o termo ator caracteriza o humano, a TAR utiliza o termo actante para incluir não-humanos em sua

definição (LATOUR, 2001).

Associação

Latour (2012) parte da etimologia da palavra “social” que, em sua origem, no latim *socius*, designa um companheiro, um associado para instaurar uma “sociologia de associações”, que propõe a identificação das associações que constituem a conexão de diversos actantes em um grupo, revelando as redes de mediadores que estruturam um determinado sistema.

No contexto da TAR, os meios que participam das associações em um sistema podem ser os mediadores (actantes) ou os intermediários, que são aqueles que não produzem modificações na mensagem. Um mediador pode se tornar um intermediário assim como um intermediário pode se transformar em um mediador.

Latour (2012, p. 65) define um intermediário como “aquito que transporta significado ou força sem transformá-los: definir o que entra já define o que sai”. Em sua visão, um intermediário pode ser compreendido como um componente que, internamente, é constituído por diversas partes. O intermediário é plenamente definido por aquilo que o provoca enquanto que o termo mediação, significa um evento ou um ator que não pode ser exatamente definido pelo que consome ou pelo que produz (LATOUR, 2001).

Nesse sentido, a pesquisa investigou como a TAR pode favorecer a identificação e a compreensão das diversas associações que se estabelecem entre os elementos estéticos (actantes) de uma produção artística. A TAR se apresenta como uma teoria que proporciona uma investigação diferenciada, capaz de analisar os mediadores sem necessariamente posicionar os humanos no centro da intencionalidade. É hora de compreender os objetos artísticos por meio do papel que eles exercem como mediadores, ou seja, olhando para o centro de suas ações e não mais como objetos passivos e intermediários.

Tradução

Latour (2012) explica que a palavra tradução induz dois mediadores à coexistência e que a tradução entre mediadores podem gerar associações que são rastreáveis. Tradução, ou mediação, é sempre deslocamento e transformação de uma coisa em outra. A tradução persiste na associação entre actantes, constituindo um processo que produz a diferença, produz

algo novo. Tradução é qualquer ação que um actante realiza a favor de um outro actante. Tradução corresponde ao fluxo de movimentos e transporte, a tudo o que se faz para que um ponto se ligue a outro. No processo de mediação, as transformações estão relacionadas com premissas, estratégias e métodos que são articulados em prol de um objetivo.

Latour, em sua obra Ciência em Ação (2000), observa que o conceito de tradução, representa uma forma de releitura ou adaptação de interesses de actantes empenhados na construção de fatos. Trata-se portanto, de uma questão de interpretação de objetivos em um processo de inovação.

Inscrição

Outro termo presente na TAR é a noção de *inscrição*, que se refere a uma configuração de mediação e de tradução no qual a associação se define a partir de scripts (códigos, mapas, regras, padrões, leis) implementados em diversos tipos de recursos, fazendo com que a ação seja sempre fruto de hibridismo e de produção de resultados. A TAR atribui ênfase à importância do papel desempenhado pelos actantes não-humanos. Esta característica posiciona a TAR na condição de instauração de um novo modelo de fundamento epistemológico, que vai além do tipo de abordagem construtivista tradicional. O construtivismo social prioriza o fator linguístico, tirando de cena as entidades não-linguísticas, não-humanas e não-sociais, rejeitando a atuação dos objetos e assumindo que apenas as pessoas são capazes de atuar.

Inscrição refere-se a todo tipo de transformação que materializa uma entidade num signo, num arquivo ou em qualquer suporte. Usualmente, as inscrições estão sujeitas a superposição e combinação. São sempre móveis, ou seja permitem novas translações e articulações ao mesmo tempo que preservam intactas algumas formas de associações (LATOUR, 2001).

Repertório de elementos estéticos

No campo da Estética Informacional, Bense (1971) observa que o processo de criação de um objeto artístico depende de um *repertório de elementos materiais*, o qual é seletivamente transformado por meio de um código de determinação semântica, capaz de articular a comunicação, em um portador de *estados estéticos*. O teórico considera que, na produção artística, a passagem da distribuição dos elementos materiais de um repertório para a obra ocorre em um processo seletivo que se caracteriza também como um processo comunicativo.

Estados estéticos

Para Max Bense (1971, p. 94), os objetos artísticos são portadores de estados estéticos, e estes últimos, "são 'estados de ordem' por via de um repertório de elementos materiais". Para o teórico, são disposições de ordem que ocorrem em um repertório de elementos materiais, que podem encontrar-se em situação de desordem e que podem ser organizados e classificados de forma singular, por meio de um processo que permite que o conjunto de elementos materiais seja interpretado como um sistema de decisões. Os estados estéticos, que podem ser observados na obra de arte por meio de classes de signos, são caracterizados pela Estética Informacional, que opera com meios semióticos e matemáticos (BENSE, 1971, p. 45).

Bense (1971, p. 47) sustenta que a Estética Informacional pertence ao campo da pesquisa e "deve continuar sempre completável", ou seja, não é estanque, não é uma teoria concluída e portanto, está aberta à revisão crítica do experimento ou da experiência. Nesse sentido, a Estética Informacional fornece uma teoria que sustenta a articulação de associações e traduções de forma dinâmica. Uma estrutura conceitual para a aplicação dos conceitos da TAR. A arte é lugar de experiência e, no contexto da pesquisa realizada, essa revisão crítica se desenvolveu por meio das práticas sugeridas pela TAR.

Mensagem

Max Bense (1971) e Abraham Moles (1973) postulam que a Estética Informacional fundamenta-se na observação de que toda expressão artística pode ser considerada como uma *mensagem* transmitida, em um esquema de comunicação criativa, por um indivíduo, definido como *transmissor*, para outro, chamado de *receptor*.

Em sua obra *Teoria da Informação e Percepção Estética*, Moles (1978) parte de um princípio onde o comportamento de um dado indivíduo se determina pelo ambiente e pelas mensagens que dele recebe, por meio de canais variados como, por exemplo: mensagem visual, sonora ou tátil. Moles (1978, p. 23) atenta que as mensagens espaciais, tais como o desenho e a pintura, "são suscetíveis de um desenvolvimento temporal pela *exploração* que as decompõe em sequências de elementos intensivos transmitidos numa ordem dada".

Moles (1978, p. 24) define uma mensagem como um "grupo finito e ordenado de elementos de percepção estética tirados de um repertório e

reunidos numa estrutura". As mensagens podem ser de natureza espacial ou temporal e são suscetíveis de classificação segundo suas dimensões. O canal pode ser natural (visão, audição, olfato), referente aos órgãos do sentido, ou pode ser artificial, onde o receptor é um dispositivo técnico, uma máquina, que pode colaborar para a expansão de um canal natural (audição no telefone, por exemplo) assim como pode ser usado por outro dispositivo técnico.

Objeto

Moles (1981) argumenta que o objeto possui a função de resolver ou modificar uma situação qualquer por meio de uma ação e portanto, é um elemento essencial do nosso ambiente no espaço e no tempo. O objeto se manifesta como parte ou prolongamento do ato humano e incorpora funcionalidades essenciais destacando-se da ação para se apresentar como um componente do sistema, resultado do ser humano pelo ambiente.

Considerando os conceitos acima, formulei, na pesquisa, então a seguinte questão primordial: O que os conceitos e termos da TAR (actante, associação, tradução e inscrição) provocam nos conceitos da Arte Computacional (repertório de elementos, estados estéticos, mensagem e objeto)?

Latour destaca que devemos seguir e detalhar os rastros das ações dos actantes. Portanto, na nossa tarefa de articulação de conceitos, seguir e detalhar os rastros das ações dos actantes significa, em primeira instância, seguir os fluxos que se desdobram nas interações e nas funções que realizam traduções (transformações) entre os componentes que produzem estados estéticos de forma recíproca.

Nesse sentido, no nosso quadro metodológico refinamos o seguinte repertório de atividades que serão desenvolvidas no processo de detalhamento dos estudos de caso: (i) seguir os rastros (mensagens) dos actantes; (ii) registrar as traduções (funções) das mensagens; (iii) mapear os actantes e suas associações (rede) e (iv) destacar as inscrições (códigos).

Redes, traduções e associações

No mundo contemporâneo, mediado por tecnologias da informação e comunicação, o termo *rede* remete imediatamente à imagem da internet. Contudo, a noção de rede (network) proposta por Latour (2012), delineia as associações existentes entre os diversos actantes, em uma composição um tanto mais heterogênea do que a internet propriamente dita.

Indo além da troca de mensagens entre computadores conectados na internet, Latour (2012) compara a rede com a qualidade que um bom texto possui e que pode levar cada actante a induzir outros actantes a fazerem coisas inesperadas.

Rede na TAR, segundo a perspectiva de Latour (2012, p. 189), refere-se a um conjunto de interações entre actantes que transformam um ao outro de forma contínua. Para Latour, um bom relato "é uma narrativa, descrição ou uma proposição na qual todos os atores fazem alguma coisa e não ficam apenas observando". Ao contrário de simplesmente transportar efeitos sem transformá-los, cada um dos pontos no texto pode ser um ponto de desvio, um evento ou a origem de uma nova tradução.

Portanto, o conceito de rede refere-se a um conjunto de interações dinâmicas que ocorre entre actantes. São as ações que definem as redes, não um conjunto de relações estáveis ou padrões que podem ser facilmente identificados em uma estrutura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a TAR, a investigação de produções artísticas, fundamenta-se não apenas no mapeamento do inventário de objetos e elementos estéticos, presentes na obra, mas sobretudo, no direcionamento do olhar para as associações que se estabelecem entre os actantes, intermediários e inscrições. Isso pode ser elaborado por meio da produção de diagramas esquemáticos, que facilitam a identificação das características estéticas e a identificação de funções inerentes nas estruturas dos elementos estéticos presentes na obra de arte.

Os conceitos de tradução e associação, da TAR, ampliam a Estética Informacional, que conceitua a expressão artística como uma mensagem transmitida em um esquema de comunicação criativa. Mensagens fluem por meio de associações e operam ações de traduções, posicionando um transmissor e um receptor em uma situação de coexistência. O conceito de tradução, na TAR, está fortemente relacionado com o conceito de rede e associações. As associações explicam a rede (*socius*) e esta, por sua vez, é caracterizada pelas traduções entre componentes, que podem gerar associações rastreáveis. As associações descrevem os esquemas de ordem na geração de estados estéticos.

A tradução persiste na associação entre actantes, constituindo um processo que produz a diferença, produz algo novo. Portanto, a noção de

tradução, da TAR, favorece a inovação de estados estéticos na produção artística. Os conceitos conhecidos como inscrição e associação, da TAR, expande a ideia de criação de signos, da Estética Informacional, que é efetuada por meio da memória, do registro de informações (inscrições), relacionando o conjunto de percepções elementares a um número reduzido de sensações que tomam o valor de um símbolo.

Estética das Associações

A noção de rede da TAR contribui para a Arte Computacional ao tirar o foco de atenção do interagente e apresentar uma epistemologia que concentra a atenção nas associações que se estabelecem entre os actantes. Essa abordagem criativa e analítica, com foco nas associações, é o que conceituo como Estética das Associações.

As práticas e conceitos da TAR, ordenadas em um quadro metodológico adaptativo de forma dinâmica, fornecem uma instrumentalização para processos criativos singulares no campo da arte.

A TAR, como sociologia de associações, amplifica a Estética Informacional, sobretudo na noção de objeto, que pode surgir na forma de um intermediário ou de um actante, responsável por ações, transformações ou associações que se estabelecem no mundo contemporâneo. O objeto, mais que uma extensão, se caracteriza como parte do humano, como um instrumento de ação, portador de mensagens e signos, mediador da associação entre cada indivíduo e a sociedade. O objeto é portador de eventos e ações, que viabilizam as interações entre actantes, transformando-os de forma recíproca e contínua, qualificando a noção de rede, segundo a perspectiva da TAR.

A TAR abre caminhos que evidenciam as características estéticas da obra de arte, facilitando a identificação de variáveis que referenciam a *informação máxima*, que regula o equilíbrio estético da obra. Nesse caminho, a TAR, como ferramenta de análise, facilita, ao artista, a identificação de actantes (humanos e não-humanos) e a descoberta de inscrições e objetos intermediários, enriquecendo assim o repertório de elementos estéticos que participam da produção artística.

Da mesma forma, a TAR amplia o rastreamento de associações internas, sobretudo aquelas que não são tão explícitas e evidentes, e amplifica a identificação de suas respectivas traduções e trocas de mensagens.

A elaboração de descrições detalhadas (uma prática recomendada por Latour como um atividade importante na TAR) conduz o trabalho do artista para uma modelagem que implica na identificação e na separação de objetos híbridos em elementos estéticos autônomos, com desdobramentos que resultam na releitura, revisão das características estéticas existentes, potencializando, assim, a descoberta de novos elementos estéticos, incrementando o repertório de elementos materiais e a geração de novos signos e estados estéticos. Nesse sentido, a TAR colabora como uma crítica que nos possibilita analisar cenários híbridos, permitindo investigações simultaneamente de forma técnica, científica e sociológica, por meio de uma linguagem descriptiva, textual e simbólica.

Portanto, identifico que a TAR contribui para o processo criativo no campo das artes, ao estimular a imaginação, a descoberta e a criação de novas associações na produção artística, aumentando, de forma significativa, a capacidade de geração de estados estéticos da obra. A ideia de incorporar o conceito de inscrição como parte constituinte da produção artística também contribui para a inovação estética da obra.

No contexto da Arte Computacional, uma inscrição (código) possui a potência de gerar estados estéticos. Assim como a semente é uma árvore virtual, que possui a potência de se atualizar como uma árvore; uma inscrição pode ser compreendida como um actante virtual, que possui a potência de se atualizar como actante. O código (inscrição), ao ser carregado na memória do dispositivo e entrar em execução no seu processador, ele se atualiza como actante, ele se torna capaz de realizar ações, gerar movimentos e transformações (traduções). Dessa forma, em alguns estados de ordem, uma inscrição, ao se atualizar enquanto actante, exerce suas forças e realiza ações estéticas no conjunto da obra. Consequentemente, inscrições podem conduzir o outro a um estado de articulação de novas associações estéticas.

Portanto, a TAR permite uma leitura contemporânea da Estética Informacional, atualizando a noção de sinal com as ideias de actante, mensagem e inscrição. Essa perspectiva dinâmica contribui para o processo criativo ao amplificar a visão da obra de arte como portadora de sinais estéticos capaz de promover a inscrição de signos e ações de transformações.

Com a proliferação das imagens técnicas e das tecnologias híbridas no desenrolar das atividades cotidianas, comprehendo que a mistura entre essas práticas e saberes, da TAR e da Estética Informacional (e portanto da

Arte Computacional), se apresenta como um campo inesgotável a ser explorado. Percebo que a combinação de componentes na obra de arte pode ser apreciada por meio de uma Estética das Associações, que, assim como as redes, se apresenta em movimento contínuo e dinâmico, em estruturas rizomáticas.

Visando a potência de inovação de estados estéticos na criação artística, a singularidade da Estética das Associações reside na capacidade de traduções, inerente nas ações e relações que se estabelecem entre os elementos estéticos que estruturam a obra de arte.

Nesse sentido, considero esta investigação, como essa rede de associações, que não se caracteriza como um sistema concluso e definitivo, mas sim como uma teoria não encerrada, uma pesquisa aberta, que, por meio de diálogos criativos em rede, seja continuamente experimentada, revisada e complementada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENSE, Max. *Pequena Estética*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social*. Salvador: EDUFBA, 2012; Bauru. São Paulo: EDUSC, 2012.

_____. *A esperança de pandora: Ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

_____. *Ciência em Ação – como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MOLES, Abraham. *Teoria dos Objetos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1981.

_____. *Teoria da Informação e Percepção Estética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1978.

_____. *Rumos de uma cultura tecnológica*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

PRAUDE, Carlos Corrêa. Arte Computacional e Teoria Ator-Rede: actantes e associações intersubjetivas em cena. 2015. 247 f., il. Tese (Doutorado em Artes)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/19018>, Acesso: 01/jun/2016.

